

CONSTRUÇÃO DO PAPEL DE TUTOR A PARTIR DO *FEEDBACK* DISCENTE

Caroline Bohrer do Amaral ⁽¹⁾ **Profª. Drª. Tania Beatriz Iwazsko Marques** ⁽²⁾

(1) Aluna do Curso de Especialização em Tutoria Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: carol.bba@gmail.com

(2) Orientadora, Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: taniabimarques@bol.com.br

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso trata sobre a importância do *feedback* dos alunos para a construção do papel de tutor em Educação a Distância (EAD). Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados através de interações realizadas durante um semestre em uma Interdisciplina do curso de Pedagogia a Distância. Foram selecionadas e analisadas algumas mensagens trocadas entre tutor e alunos através de um ambiente virtual de aprendizagem. Como fundamentação teórica, utilizaram-se os estudos de Piaget, os quais permitiram a análise do tutor a partir dessas trocas. Nesse sentido, abordaram-se questões sobre a prática pedagógica, intervenções, prática reflexiva, descentração, afetividade, entre outras.

Palavras-chave: tutor; *feedback*; prática reflexiva; EAD.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Especialização de Tutoria em Educação a Distância (EAD) trata do processo de construção do profissional tutor a partir do *feedback* dos alunos, constituindo-se como uma prática reflexiva. Refere-se a uma pesquisa junto às alunas e aos alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia (PEAD), modalidade a distância, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nesse curso, eu exerci o papel de tutora em diferentes Interdisciplinas¹ durante um ano e meio. Os graduandos atendidos tendiam a ser os mesmos, com algumas variações, e pertenciam ao mesmo pólo de referência. O município-pólo² está localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, possui 85.979 habitantes e área de 137,50 quilômetros quadrados. Nesse curso, eu era a chamada *tutora de sede*, ou seja, atendia os alunos realmente à distância, a partir de Porto Alegre, onde fica a sede.

Assim, está claro que este curso se dá a distância. Mas o que significa isso? Para Behar (2009, p. 16), a

[...] Educação a Distância pode ser definida como uma forma de aprendizagem organizada que se caracteriza, basicamente, pela separação física entre professor e alunos e a existência de algum tipo de tecnologia de mediatização para estabelecer a interação entre eles.

Esta aparente diferença entre educação a distância e educação presencial referente a tempo e espaço envolve diferenças significativas na prática pedagógica. Apesar da Educação a Distância estar sendo ampliada no Brasil, questões de ensino e de aprendizagem, nesta área, ainda estão sendo construídas lentamente. Para muitos docentes, parece estar claro que esta nova forma de educação não pode se dar da mesma forma que o ensino tradicional presencial. Mas, na prática, nem sempre há esta clareza. Até porque isso é muito complexo, pois envolve mudanças práticas e conceituais referentes a concepções tais como papel do professor e da

¹ Segundo o Guia do Tutor do PEAD, “as Interdisciplinas compreendem a abordagem de um tema amplo, que contém inúmeras possibilidades de enfoques temáticos e teórico-práticos. É, sobretudo, uma área mais ampla ao trazer perspectivas diferenciadas sobre um mesmo tema” (CARVALHO *et al.*, 2006b, p. 22).

² Dados da cidade retirados da Wikipédia.

aprendizagem. O trabalho docente de um professor titular de disciplina e de um tutor constitui uma das especificidades da EAD.

Assim, para compreender melhor esse trabalho, também é necessário conhecer um pouco mais as funções de um tutor. Este cargo específico em Educação a Distância ainda pode ser pouco conhecido pela comunidade, mas a função de tutor já é antiga e até por isso pode confundir. Vamos, então, buscar o conceito no dicionário, onde tutor é “aquele que é incumbido de tutelar alguém; protetor”. Nessa linha, trago também o conceito de tutela: “Encargo legal conferido a alguém juridicamente capaz de velar pela pessoa e bens de um menor ou de um interdito; proteção”.

No guia do tutor do PEAD (CARVALHO *et al.*, 2006b), ou seja, no contexto da EAD, há uma descrição das funções pedagógicas do tutor de sede, quais sejam: disponibilizar e fornecer informações, acompanhar e orientar sobre atividades propostas na Interdisciplina; trabalhar a partir da teoria da pergunta – propor perguntas que ajudem os alunos a descobrir possíveis contradições ou inconsistências em duas contribuições nos fóruns e webfólio educacional; realizar intervenções diretas, com anuência da equipe, nas atividades realizadas e registradas no webfólio educacional; dialogar com o tutor do pólo sobre a realização das atividades; acompanhar o entendimento de cada aluno sobre as atividades e o conteúdo dos enfoques temáticos; analisar e sugerir realizações no webfólio educacional a partir das orientações nas Interdisciplinas.

A partir disso e da minha prática, entendo que o acompanhamento semestral realizado por um tutor no PEAD, resumidamente, envolve a análise das produções dos educandos, interações e trocas através de recursos informáticos disponíveis na Internet, buscando a construção de conhecimento e o processo de avaliação dos alunos. Através dessas interações entre tutor e aluno, acontece uma das poucas situações em que o tutor recebe *feedback* dos alunos sobre as intervenções, ou seja, quando esses respondem aos seus comentários. Estas respostas referem-se a dúvidas sobre os apontamentos do tutor, necessidade de esclarecimentos sobre as atividades, explicações, justificativas sobre o trabalho realizado, entre outras.

Isso caracteriza uma troca entre professor e aluno, ainda pouco explorada, devido aos novos caminhos pedagógicos produzidos pela Educação a Distância. No ensino presencial, os alunos não costumam ter muitas oportunidades e nem o hábito de questionar a avaliação do

professor e de rever, refazer ou alterar suas produções. O que, em EAD, ao menos no curso PEAD, tem acontecido.

Neste curso, as trocas intelectuais são muito significativas, por isso escolhi analisar algumas intervenções minhas e mensagens de retorno dos educandos, especialmente pelas inquietações e desafios que a atividade de tutoria me trouxe, a fim de responder à minha questão-problema: **Como o *feedback* dos alunos pode contribuir para a construção do papel do tutor?**

Tenho como principais objetivos nesta pesquisa: (re)construir minha função de tutoria, conhecer e compreender as necessidades, as dúvidas e as perspectivas dos educandos, analisar algumas intervenções minhas e mensagens dos educandos e avaliar e refletir sobre a prática pedagógica de tutor.

No contexto da EAD, a expressão escrita através da troca de comentários é uma importante ferramenta de comunicação entre tutor e aluno, porém precisa ser muito bem explorada e cuidadosamente construída. Principalmente nos casos em que os comentários têm caráter de *parecer* sobre as atividades das Interdisciplinas. Ao me deparar com mensagens dos graduandos, como respostas aos meus comentários, sentia que havia um descompasso entre os objetivos que gostaria de atingir com minhas palavras e a interpretação dessas por parte dos alunos.

É preciso reconhecer que o tutor tem um papel decisivo e significativo, pois recebe trabalhos dos alunos e interfere na avaliação processual, já que tem autonomia para questionar o aluno e solicitar alterações para melhoria dos trabalhos, de acordo com as propostas e os objetivos das Interdisciplinas. Nessa linha, podemos compreender melhor a importância das intervenções do tutor. Conforme Coll (1994, p. 136):

Numa perspectiva construtivista, a finalidade última da intervenção pedagógica é contribuir para que o aluno desenvolva a capacidade de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e circunstâncias, que o aluno “aprenda a aprender”.

Assim, acredito que a interação entre tutor e aluno através de um ambiente virtual de aprendizagem seja uma importante forma de analisarmos o trabalho de tutoria, de rever as intervenções e refletir sobre a prática pedagógica. Ainda é escassa a bibliografia que trata do

trabalho do tutor. Na Internet é possível encontrar artigos a respeito. Em geral, referem-se às competências, à qualidade do trabalho e às funções exercidas pelo tutor.

No entanto, não encontrei, nesta minha breve pesquisa, trabalhos sobre o processo de construção da prática pedagógica do tutor através dos comentários dos alunos. Em *Aprendizagem em Rede na Educação a Distância* (CARVALHO, NEVADO e MENEZES, 2007), encontramos um capítulo (COUTINHO, 2007) onde uma professora fala do retorno dos alunos, porém a partir de sua perspectiva de docente, de quem rege a Interdisciplina. De qualquer forma, acredito que este artigo é diferenciado, pois aborda o trabalho do tutor no curso do PEAD, o qual é bastante particular. Nele, esse profissional trabalha bem próximo dos docentes, fazendo contato direto com os alunos, acompanhando continuamente as atividades no ambiente virtual e em outras ferramentas da rede, como *MSN*, *e-mail*, bate-papo do *Gmail* etc. Participa, através de seus comentários, da avaliação processual dos trabalhos de alunos e alunas. Há muitos cursos em que o tutor apenas media o conteúdo didático e o aluno, ou avalia conforme gabarito fornecido previamente, sem maiores intervenções ou contribuições no processo de avaliação.

Este curso de Pedagogia é composto por alunos e alunas, no entanto a maioria são mulheres. No pólo no qual atuava como tutora a distância, havia apenas um aluno homem. Por isso, quando eu tratar especificamente da turma com a qual trabalhava, utilizarei os termos no feminino (graduanda, aluna), por serem as mulheres a maioria no contexto desta pesquisa.

Dentre as ferramentas e os *softwares* utilizados no curso do PEAD, uma delas é o ambiente virtual de aprendizagem ROODA³, na funcionalidade webfólio⁴. Nele, as alunas publicam arquivos referentes às atividades solicitadas em uma Interdisciplina e o tutor pode inserir comentários. Esse canal de comunicação é utilizado de maneira bastante particular. O tutor identifica aspectos relevantes do trabalho, tendo em vista os objetivos de cada atividade. Para isso, escreve comentários que podem apontar qualidades ou necessidades de aprimoramento nas produções das alunas. Assim, essas têm oportunidades de alterar sua

³ O ROODA (Rede cOOperativa de Aprendizagem) é um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) que foi desenvolvido dentro da idéia de software livre. Este disponibiliza ferramentas síncronas e assíncronas da Web para interação e comunicação entre os usuários, valorizando o processo de cooperação.. Disponível em: <http://200.169.53.89/download/CD%20congressos/2008/V%20ESUD/trabs/t38678.pdf>

⁴ A funcionalidade Webfólio serve para o envio e compartilhamento de arquivos. Divide-se em webfólio geral, webfólio das disciplinas e webfólio dos grupos;

produção, a qual será novamente avaliada pelo tutor. Nesse sentido, a avaliação é realizada de forma processual e contínua, considerando as especificidades de cada atividade e cada aluno/a. A cada atividade e/ou no final do semestre, conforme a metodologia de cada professor regente, o tutor fornece subsídios para a avaliação⁵.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E METODOLOGIA

Para realizar esta investigação, selecionei e analisei algumas intervenções minhas sobre os trabalhos de alunas, as quais produziram mensagens de *feedback*, questionando, concordando ou esclarecendo apontamentos feitos na intervenção. Foram escolhidas mensagens de quatro alunas, tendo em vista diferentes abordagens e interpretações dos comentários. Essas diferenças foram um critério para a seleção dos dados. Dessa forma, realizo uma pesquisa de abordagem qualitativa, por meio da qual busco analisar os dados de forma processual, dentro de um contexto específico, considerando o ponto de vista de seus participantes.

Os dados compõem-se de uma seleção de comentários meus sobre as atividades produzidas pelas alunas e dos comentários dessas, em resposta aos meus. Essas mensagens foram trocadas no webfólio do ROODA. As alunas não usam muito o recurso dos comentários, mas geralmente os usam para esclarecer dúvidas sobre as atividades ou sobre as intervenções da tutora. Para a análise desses materiais, seguirei a proposta de pesquisa qualitativa que, segundo Bogdan e Biklen (*apud* LÜCKE e ANDRÉ, 1986, p.13) "envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos em contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes".

A Interdisciplina escolhida para a coleta de dados foi *Questões Étnico-Raciais*, pois esta apresentou uma grande diversidade no *feedback* das alunas, já que foi uma disciplina inédita no curso de Pedagogia. Nela, foi possível perceber que ocorreram maiores discussões, dúvidas e conflitos no decorrer das atividades do semestre. As alunas precisavam analisar

⁵ Os conceitos avaliativos do curso do PEAD/UFRGS correspondem a: A-excelente, B-bom, C-regular e D-aproveitamento insuficiente (CARVALHO *et al.*, 2006b).

situações de preconceito e discriminação na escola e na comunidade, a partir de um ponto de vista histórico, social e, inclusive, psicológico. Assim, algumas atividades buscavam resgatar e valorizar a cultura e a autoestima de povos que sofreram e sofrem atentados políticos, econômicos, sociais e individuais em razão de sua etnia no Rio Grande do Sul e no Brasil. Povos de origem africana e indígena foram enfatizados na Interdisciplina.

A maioria das atividades do PEAD visa ao trabalho das alunas como professoras de escola. Elas são professoras ativas e atuam em salas de aula de Educação Infantil ou Séries Iniciais do Ensino Fundamental; já que este era um dos critérios para o ingresso neste curso de formação de professores.

As atividades, das quais retirei os dados desta pesquisa, tratam da construção de um mosaico acerca das etnias, origem étnica da família dos escolares, costumes, identidade etc. Algumas alunas ficaram receosas em realizar determinadas propostas. A mais polêmica atividade foi realizar entrevistas com quatro crianças ou jovens negros e negras a fim de identificar, nesta conversa, preconceitos sofridos, diferenças sentidas, desempenho escolar, expectativas de vida e situação social da família dos entrevistados.

Outra atividade utilizada foi a elaboração de um plano de aula, dividido em duas partes. A primeira tratava da elaboração do plano em si, conteúdo temática, conceitos-chave, justificativa, objetivos, desenvolvimento. A segunda parte referia-se a uma reflexão, na qual as alunas do PEAD deveriam abordar o desenvolvimento da aula ministrada, a participação dos seus alunos-escolares, os comentários e efeitos percebidos durante as atividades e fundamentando essa reflexão com um dos textos sugeridos.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Compreendo que educador e educandos são responsáveis pelos processos de ensino e de aprendizagem. Portanto, a partir dos dados coletados, farei uma breve análise, buscando identificar aspectos significativos das minhas intervenções a partir de uma *prática reflexiva* sobre o *feedback* das alunas. Visto que isso implica a compreensão das produções e a

construção de conhecimento das educandas, bem como o meu trabalho de tutora, enquanto uma especialista em formação. Nesse sentido, o tutor precisa refletir sobre sua prática constantemente e

[...] inserir-se em uma relação analítica com a ação, a qual se torna relativamente independente dos obstáculos encontrados ou das decepções. Uma prática reflexiva pressupõe uma postura, uma forma de identidade, um *habitus*. Sua realidade não é medida por discursos ou por intenções, mas pelo lugar, pela natureza e pelas consequências da reflexão no exercício cotidiano da profissão, seja em situação de crise ou de fracasso seja em velocidade de cruzeiro (PERRENOUD, 2002, p. 13).

Para isso, é necessário exercitar o processo de descentração, o qual, na concepção de Piaget, compreende comparar nossa ação com ações de outras pessoas, ou seja, considerar outros pontos de vista em relação ao nosso (MARQUES, 2005). Nessa seção, será possível verificar, através dos dados, o meu exercício de descentração, o qual se deu através de um processo de construção das minhas intervenções, da reflexão sobre elas e do *feedback* das alunas. Assim, procuro entender melhor meu processo de aprendizagem, bem como o das alunas, na medida em que “[...] aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações” (MATURANA, 2001, p. 60).

Os primeiros extratos que trago referem-se a meu comentário sobre a construção de um plano de aula que deveria ser aplicado pelas alunas em suas salas de aula. Nessa intervenção, busco dar sugestões significativas no plano, pois a aluna teria a chance de complementá-lo antes de aplicar. Procurei assinalar questões pontuais que poderiam interferir no andamento da aula, de acordo com o objetivo geral da atividade, que era sensibilizar as crianças acerca das diferentes etnias que formam o povo do Rio Grande do Sul, conhecê-las, respeitá-las e reconhecer-se entre elas, atentando para preconceitos na sala de aula e no cotidiano. Veja a intervenção e o retorno da aluna Se⁶.

Tutora - *Oi, Se.! O plano está interessante, mas tenho algumas sugestões. Gostaria de saber qual a idade de seus alunos em média? Sugiro que você amplie um pouco o plano, de forma que atendam a dois turnos de aula (mais ou menos 8 horas). Podes fazer algumas atividades práticas ou brincadeiras para unir à história inicial. Tive dúvidas na*

⁶ A fim de preservar a identidade das alunas, seus nomes foram omitidos na pesquisa. Para fazer referência a um nome, utilizei uma sílaba.

compreensão desta parte: “Pedir que os pais façam uma árvore genealógica de sua família, somente até os avós da criança e desenhem as pessoas de acordo com suas características físicas”. Não entendi quem irá desenhar. Serão os pais ou as crianças que vão desenhar? Observo que os pais têm dificuldades para quererem desenhar (resultado da nossa escola) e que poderão mostrar resistência ou não fazê-lo. E outra questão é que através dos desenhos fica difícil identificar características físicas reais. Então, sugiro que pense outra atividade para verificar essas características (pode ser brincadeiras que visem o corpo, a observação, o toque...) e podes propor os desenhos às crianças, de forma a complementar na atividade. Podes fazer estas mudanças logo ou deixar para o plano final, você escolhe. Mas aplique com as crianças, já procurando atender as sugestões. Abçs, Carol

Aluna Se. - *Oi, Carol! [...] meus alunos. Eles têm 2 a 3 anos de idade. Por isso, uma proposta de aula lúdica! Começando com uma história para sensibilizá-los. Como são pequenos, as atividades previstas darão perfeitamente para dois dias de aula. Agora falando da parte da árvore genealógica... Os desenhos de meus alunos são garatujas. Por isso, não posso aplicar com as crianças, a tarefa dos desenhos. Então trabalho bastante com a ajuda dos pais. É claro, que nem todos fazem os temas, mas a maioria é bem comprometida. Pensei em desenhos, somente para percebermos cor de pele, olhos e cabelos e queria trabalhar com as ilustrações mesmo. Perceber com eles, se o pai é moreno a mãe é loira e assim por diante. Eles gostam muito dos desenhos, ainda mais se forem seus pais que fizerem. Posso talvez complementar com um desenho livre deles sobre a atividade, para que possam se expressar, porém ainda não desenham com intencionalidade, são somente riscos, linhas e bolinhas. Agora, podes perceber o quanto é delicado trabalhar com crianças tão pequenas, não é mesmo? Porém com criatividade e cuidado, com certeza, posso fazer um trabalho de qualidade com eles também. Um abraço ...*

Na minha primeira sugestão para Se., sobre ampliar o plano, pretendia sensibilizá-la a aumentar o tempo de trabalho com o tema em sua sala de aula. No entanto, não foi bem aceita, pois a aluna pensou que os dois turnos sugeridos na descrição das atividades (de 8 horas) deviam, necessariamente, ser realizados em dois dias, o que realmente, fica difícil com uma turma de maternal. Minha outra sugestão acerca de planejar mais brincadeiras e atividades lúdicas referia-se a trabalhos mais concretos com a turma, explorando o próprio corpo, por exemplo, através de observação da própria imagem no espelho. No meu comentário, isso não fica claro, por isso acredito que não me fiz entender, como desejava. Neste caso, poderia ter dado o exemplo para esclarecer minha ideia. A minha sugestão de atentar para a participação dos pais, foi de por em questão aqueles alunos que chegariam sem material para a atividade. Como eles realizariam a atividade sem o desenho? Haveria um improvisado? Qual seria a alternativa? Conforme a resposta da aluna, esta considerou apenas

que os pais são participativos. Nesta situação, considero que houve falha na comunicação entre tutora e aluna.

Diante disso, a primeira impressão que tive ao ler o comentário da aluna é de que esta não havia compreendido minha intervenção. Enquanto eu escrevia o comentário, imaginava minha entonação de voz (sugestiva e motivada pela melhora do plano) e acreditava estar contribuindo para a futura aula que seria dada às crianças. Mas, depois de mais de três meses, ao escrever este artigo, percebo as dificuldades na comunicação naquele contexto. Uma hipótese é que a forma como eu imaginei me expressar não foi a mesma como o comentário foi lido; o que é bastante comum acontecer em educação a distância (EAD). O profissional dessa modalidade de ensino precisa estar preparado para enfrentar dificuldades de comunicação, mas precisa evitar isso ao máximo, exercitando sua escrita.

Anderson e Elloumi (2004 *apud* BONATTO *et al.*, 2008, p.3), explicam que:

Na comunicação mediada por tecnologia, própria da EAD, temos que ser também afetivos, espirituosos, sérios; temos que substituir as antigas "mímicas" (gestos exercitados com os familiares), em expressões que correspondam ao sentido da comunicação que se quer produzir entre aluno e tutor na forma escrita. Portanto, é fundamental que se conheça bem o aluno e seu perfil porque algumas formas de comunicação e atitudes podem funcionar de forma equivocada ao emitirmos nossas ideias e sentimentos, gerando ruídos de comunicação e servindo como desestímulo ao propósito educativo.

Assim, em busca de uma melhor interação entre tutor e aluno, acredito que uma alternativa seja procurar, na medida do possível, descentrar-se do papel de tutor e colocar-se no papel de aluno. Esse cria seu trabalho dentro de suas concepções e acredita que aquilo que construiu foi o melhor possível. Por isso, a intervenção do tutor nos trabalhos é muito delicada, exige um processo de análise bastante criterioso, o conhecimento dos objetivos da atividade em questão e da Interdisciplina e certa familiaridade com cada educando. Uma estratégia interessante é dar exemplos para o aluno a respeito daquilo que precisa atingir. Isso, em EAD, facilita a compreensão de quem está distante e, de certa forma, enriquece a escrita, já que os gestos e as expressões do presencial faltam no virtual.

Dessa forma, obtive êxito em alguns comentários, verifique:

Tutora - [...] Achei ótima a idéia do gráfico. Mas, quem sabe, coloque um link (um gancho) com a temática dos índios. [...] Quem sabe aproveite o relato de possíveis alunos que tenham antecedência indígena. Por último, sugiro uma pequena adaptação no texto, que poderia ficar legal. Por exemplo, em vez de Monza, use um outro nome de carro mais atual. Isso vai chamar mais a atenção das crianças, pois elas não devem conhecer ou poucos conhecem o carro Monza, que era da nossa época, não é!? Se tiver outros termos parecidos, pode adaptar também [...].

Aluna Ra. - Olá, Caroline! Obrigada pelas críticas e pelas sugestões! [...]

Tutora – [...] É visível, na sua turma, através do seu relato, que eles [os alunos] tiveram dificuldades de identificação, o que pode estar demonstrando já alguns preconceitos. Então, gostaria que investigasses com as crianças, o que aquelas imagens escolhidas da revista estão representando para elas. Formule perguntas que possam te dar essa ideia, problematize as escolhas para que elas percebam se são realmente parecidas com essas pessoas das imagens. Com quem elas realmente se parecem? Quem elas gostariam de ser? Por quê? Tente trabalhar com a autoestima delas, contar alguma história do povo negro ou de outro povo, contar um caso de preconceito (pode inventar, dizer que em uma outra turma, em outra escola, aconteceu um caso de preconceito com alunos de uma determinada etnia), investigar como as crianças veem isso, pensar soluções, enfim...

Aluna Na. - Pretendo trabalhar mais sobre esses assuntos com a atividade 5, adorei as dicas. Obrigada!

Para aluna Ra. dei exemplos de como ela poderia potencializar o seu plano de aula. Esse iniciou com um enfoque no povo indígena e, no decorrer, misturou-se com outras etnias, então sugeri uma retomada ao enfoque. Em seguida, sugeri uma adaptação no texto proposto para aula com as crianças, para torná-lo mais atrativo e atual para elas. Para aluna Na. procurei instigá-la a questionar mais as crianças sobre as etnias, problematizar suas escolhas durante a atividade e reconhecer sua origem. Com um aprofundamento maior na atividade, as crianças poderiam perceber a presença ou falta dos povos indígena e negro em revistas e trabalhar, pontualmente, a autoestima das crianças em relação à sua identidade étnica. Nesses casos, acredito que as alunas puderam visualizar, através de meus exemplos, como potencializar a aula e desenvolver o espírito crítico com as crianças, por isso fizeram questão de produzir um comentário de retorno à minha intervenção, concordando com as propostas.

Em outro caso, em uma atividade que provocou bastante discussão quando proposta na Interdisciplina, sugeri um aprofundamento no trabalho para uma aluna, mas esta não sentiu necessidade de fazê-lo. A tarefa consistia em entrevistar crianças negras na escola, na qual a pergunta desencadeadora era “Como você se sente como aluno(a) negro(a) nesta escola?” A

segunda parte da atividade dizia o seguinte: “*A partir do texto Autoimagem e Autoestima na criança negra: um olhar sobre o seu desempenho escolar de Marilene Leal Paré, identificar as dimensões da expressão afro-cultural observadas em seus alunos afro-descendentes. Elaborar um pequeno texto, em torno de 03 páginas, destacando as relações dessas dimensões com o cotidiano da sala de aula e publique no Webfólio*”. As dimensões referiam-se, por exemplo, ao desempenho escolar, às expectativas de vida, à autoestima, à situação econômica familiar, ao trabalho, etc. Na minha prática de tutora, buscava ler vários trabalhos de diferentes alunas antes de produzir um comentário e, com isso, criava parâmetros para minhas intervenções. Nessa atividade, vi que outras alunas conseguiram atingir o objetivo principal, percebendo sérias influências culturais e históricas na vida das crianças negras, que não eram observadas por elas anteriormente, ou seja, elas foram instigadas pela leitura do texto e pela realização das entrevistas.

Na intervenção abaixo, verifica-se minha sugestão para explorar mais as entrevistas, já que as da aluna resumiram-se a uma frase de resposta de cada criança. Com isso, esperava que os aspectos destacados no texto fossem melhor desenvolvidos e identificados pela aluna, atentando para questões da identidade do povo negro na sua escola. Porém, isso não ocorreu.

Nesse contexto, podemos compreender melhor os diferentes entendimentos das alunas, também pelo viés do interesse por cada atividade, que pode depender da:

[...] afetividade que constitui a mola das ações das quais resulta, a cada nova etapa, esta ascensão progressiva, pois é a afetividade que atribui valor às atividades e lhes regula a energia. Mas, a afetividade não é nada sem a inteligência, que lhe fornece meios e esclarece fins (PIAGET, 1989, p. 61).

Assim, é possível verificar, nos comentários abaixo, pouco investimento afetivo da aluna Na. nessa atividade. Veja os extratos:

Tutora - *Olá, Na.! Como você escreveu é visível algumas formas de preconceito até mesmo dentro da escola, assim como aspectos positivos também. Então, precisa completar seu trabalho, explorar as entrevistas com mais de uma pergunta, quanto mais informações procura explorar na conversa com os alunos, mas poderá detectar questões étnicas e as dimensões afro- culturais. Em seguida, precisa realizar sua reflexão fundamentada no texto de Marilena Paré. Veja a descrição da segunda parte da atividade na página web (Aulas): “A partir do texto Auto Imagem e Auto-Estima na Criança Negra:um Olhar sobre o seu Desempenho Escolar de Marilene Leal Paré, identificar as dimensões da expressão afro-*

cultural observadas em seus alunos afro- descendentes. Elaborar um pequeno texto, em torno de 03 páginas, destacando as relações dessas dimensões com o cotidiano da sala de aula e publique no Webfólio.” Portanto, aguardo tuas complementações. Abçs, Caroline.

Aluna Na. - *bom, como foi pedido fiz a postagem da parte B do enfoque 3. Quanto às entrevistas, o que foi pedido foi que "Considerando sua prática docente, a leitura do texto sugerido, faça entrevistas com, no máximo, 04 alunos(as) negros(as), onde a pergunta desencadeadora seja "Como você se sente como aluno(a) negro(a) nesta escola?" Cuidados:a) a entrevista deverá ser em lugar tranquilo,onde estejam apenas entrevistador(a) e entrevistado(a); b) tenha paciência em ouvir, estabelecendo um clima empático;c) cuide para não falar pelo(a) aluno(a) e nem com ele (a)." Em minha escola só atendemos alunos até o 5º ano do ensino fundamental, então as reflexões dos alunos não são muito extensas, fiz o trabalho das entrevistas de acordo com o que foi pedido e de acordo com as respostas dadas pelos alunos entrevistados [...].*

Nesta situação, a aluna compreendeu a escrita do comentário, porém não achou necessário complementar seu trabalho. Para compreender esta diferença na concepção do tutor e do aluno, esbarramos com questões de aprendizagem. O tutor precisa ter subsídios teóricos para saber intervir de forma significativa junto ao aluno no sentido de problematizar aspectos do conteúdo que desequilibrem os seus conhecimentos. Na visão de Piaget, a motivação depende das estruturas cognitivas do sujeito, as quais precisam ser alimentadas (MARQUES, 2005). Assim, o tutor precisa desenvolver esta capacidade de desequilibrar os conhecimentos do aluno a fim de gerar uma necessidade de aprender. Segundo Marques (2005, p. 72), “se não há estruturas anteriores a serem perturbadas, não há compensação a ser feita, logo, não há construção. Se, ao contrário, a estrutura já está construída, não há perturbação. Logo, não há compensação a ser buscada”. Tendo essa compreensão epistemológica interacionista, o tutor precisa refletir sobre o seu desempenho. Conforme a autora (idem, ibidem, p. 73). “[...] o grande desafio do professor seria o de formular perguntas adequadas que gerassem perturbações nas estruturas cognitivas dos seus alunos”.

Por último, abordo intervenções bastante comuns em um tutor referentes a complementos necessários nos trabalhos dos alunos. Esses costumam ser da ordem de organização, de etapas de uma atividade ou de técnicas. A respeito desses casos, veremos, nas trocas a seguir, que fica muito clara a comunicação entre mim e as alunas, pois essas podem verificar as solicitações da atividade, comparar com meu comentário (tutora) e rever suas produções. Se a aluna encontra fundamento no comentário, esse costuma ser bem aceito.

Tutora - *Oi, Ne.! O plano está bem interessante, com atividades bem diversificadas. Mas gostaria que diferenciasses a aula 1 e a aula 2 (de 4hs cada). Os demais itens solicitados no Plano estão OK. Uma observação, no Passo 3, você falou em acessar um Power Point com os costumes africanos. Este ppt estaria pronto ou alunos irão construir? Revise isso, pois não ficou claro. Por fim, acho que com essas atividades poderás fazer uma boa reflexão na etapa 2 do plano. Abçs, Carol*

Aluna Ne. - *Oi Carol. Conforme combinamos, vou especificar as atividades dos dois dias no relatório. Quanto ao ppt, ele estará pronto na aplicação. abraços.*

Verificamos isso também em outra situação:

Tutora - *[...] precisa realizar sua reflexão fundamentada no texto de Marilena Paré. Veja a descrição da segunda parte da atividade na página web (Aulas): “A partir do texto Auto Imagem e Auto-Estima na Criança Negra: Um Olhar sobre o seu Desempenho Escolar de Marilene Leal Paré, identificar as dimensões da expressão afro-cultural observadas em seus alunos afro- descendentes. Elaborar um pequeno texto, em torno de 03 páginas, destacando as relações dessas dimensões com o cotidiano da sala de aula e publique no Webfólio.” Portanto, aguardo tuas complementações. Abçs, Caroline.*

Aluna Na. - *bom, como foi pedido fiz a postagem da parte B do enfoque 3. [...]*

Pode-se dizer que esta é uma situação, em geral, esperada do papel de um tutor, ou seja, o aluno espera que o tutor leia seu trabalho e identifique as partes da tarefa, verificando se está tudo conforme o que foi solicitado. Isso para que ele não seja prejudicado por trabalhos incompletos no momento da avaliação feita pelo professor-regente. Nesse caso, a comunicação é bastante objetiva, pois há uma tarefa solicitada e o trabalho do aluno precisa corresponder em todos os itens. Isso o aluno tem muito claro, portanto preocupa-se em realizar as atividades completas e em dia.

As tarefas objetivas e um enunciado claro facilitam a comunicação entre tutor e aluno. Já as tarefas mais reflexivas costumam demandar uma análise mais subjetiva, a qual pode variar de tutor para tutor. Isso pode interferir no entendimento entre sujeitos, demandando maiores explicações. Apesar disso, são indispensáveis atividades que

[...] desafiem e motivem os estudantes a mobilizar e utilizar os conhecimentos que já possuem e a buscar novos conhecimentos. Levar o aluno a pensar, refletir, faz parte do processo e, para tanto, operações de pensamento superior devem ser desenvolvidas (MOULIN *et al.*, 2004, s/p.).

Nesta seção, tratei sobre alguns fatores que interferem nas intervenções do tutor, tais como o contexto das atividades, a escrita, a interpretação do aluno e suas estruturas de conhecimento e o processo individual de descentração que permite a cooperação. Portanto, acredito ser significativo procurarmos compreender essa complexa interação entre tutor e aluno. Através dessas experiências, espero que seja possível identificar esforços de tutora e alunas em se compreender nos processos de ensino e de aprendizagem, visando à construção de conhecimento. Porém, verificamos que há muitos fatores que envolvem esse processo, os quais podem nos escapar, passar despercebidos ou ser desconhecidos. A partir disso, discorro, na próxima seção, a respeito de ideias de como o tutor pode aprender através da sua prática pedagógica reflexiva e, com isso, aperfeiçoar seu trabalho e, conseqüentemente, sua relação com os educandos.

4 CONSIDERAÇÕES

Diante de tantas situações diferentes enfrentadas por mim como tutora, considero que a relação tutor e aluno, especialmente pelo contexto virtual e a distância, exige processos de ensino e de aprendizagem bem específicos dos sujeitos. Neste artigo, não pude me aprofundar em diversos fatores de interferência nessa relação, mas quis mostrar, através dos dados coletados, o quanto é importante atentar para isso. Enquanto professores, só podemos aperfeiçoar o nosso próprio trabalho, por isso acredito ser muito significativo se soubermos analisar nossa prática pedagógica de tutoria e refletir sobre ela. Diante desse exercício, selecionei alguns aspectos que influenciaram as minhas intervenções e que poderão, quem sabe, auxiliar outros tutores a melhorar sua prática.

Uma premissa refere-se ao aperfeiçoamento da comunicação, a qual o tutor precisa desenvolver com criticidade. Sendo a escrita a principal ferramenta de comunicação em EAD, explorar ao máximo esta capacidade é imprescindível. Aperfeiçoar-se na língua materna, ser coerente e esclarecer dúvidas deve fazer parte da prática de tutoria.

Também é fundamental saber os objetivos que se quer que o aluno atinja e conseguir

explorá-los nas intervenções, assim como ler e reler cada uma das mensagens e atentar para seus detalhes.

Outro aspecto que considero muito importante é buscar uma relação empática com os alunos. Conforme Dale Vedove e Camargo (2009, p.6):

A empatia precisa ser constantemente aplicada nas relações interpessoais, pois somente é possível ser empático se trabalhar a afetividade e as emoções, especialmente o autoconhecimento, já que para saber o que o outro está sentido e para compreendê-lo é preciso saber o que representa esse sentimento em si. A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e ser despertado por emoções que a própria pessoa sentiria se estivesse nesse lugar.

Nesse sentido, no decorrer da prática, tutor e aluno estabelecem um vínculo afetivo, construído através de conhecimento e confiança entre as partes. Na medida em que o tutor percebe as intenções, o retorno, a dedicação e o envolvimento do aluno no curso, confia que esse realiza seus trabalhos da melhor forma possível. Esse aluno, por sua vez, confia que o tutor o compreende, já que deve conhecer seu empenho, seu processo de aprendizagem e seu contexto educacional (seja a EAD, a escola ou a universidade). Assim, tutor e aluno conseguem considerar um o ponto de vista do outro, visando à cooperação e à construção de conhecimento.

Nessa linha, incluo outro aspecto, salientado no decorrer do artigo, que trata do *feedback* dos alunos. Quando o tutor considera esse retorno, tem a chance de rever suas intervenções, analisar o contexto e abstrair da situação conhecimentos que servirão para aperfeiçoar sua prática pedagógica. Para compreender isso, coloco-me como exemplo, pois nas primeiras tentativas de análise dos dados não realizei uma reflexão pessoal, pelo contrário, pensei que as alunas não haviam compreendido minhas sugestões nos comentários. Para conseguir uma abstração mais profunda, precisei descentrar-me da minha posição em cada intervenção e considerar o ponto de vista das alunas, o que não é nada fácil.

Durante a tutoria, o vínculo afetivo e a descentração do meu ponto de vista ocorreu diversas vezes, no entanto, em muitas delas, não tomei consciência do processo. Refletindo sobre a experiência adquirida ao longo do curso e teorizando-as neste artigo, pude reconhecer algumas situações. Identificar as dificuldades de comunicação entre mim e as alunas aconteceu em um processo que, para Piaget, pode-se chamar de abstração refletida, derivada da abstração reflexionante. Para compreender melhor, remeto-me a Montangero e Maurice-

Naville (1998, p. 94):

A abstração reflexionante não está necessariamente acompanhada de tomada de consciência, porque não somos sempre conscientes dos novos instrumentos de raciocínio que utilizamos. Sempre que há tomada de consciência, trata-se de uma variedade de abstração reflexionante que Piaget chama de abstração refletida. Nesse caso, a reflexão consiste nessa tomada de consciência e em uma possibilidade de formulação – na verdade, de formalização. Isso pode ocorrer em diversos níveis, desde a pouca idade até o homem de ciência.

Assim, retomo aqui a principal ideia que trouxe no início da seção anterior, que é a da prática reflexiva do professor. Porque acredito que essa é a melhor forma de se construir um tutor/professor cada vez melhor, mais próximo de seus alunos e mais completo, pois assim consegue aliar a teoria à prática. Becker (2001, p. 75, 76), a partir de Piaget, explica:

O professor dá-se conta (toma consciência = apropria-se das próprias ações) de que extensão da estrutura do seu pensar é muito limitada, de que ele precisa ampliar essa estrutura ou, até, construir uma nova.

Ora, ele faz isso precisamente por um processo de reflexão. Ao apropriar-se de sua prática, ele constrói – ou reconstrói – as estruturas do seu pensar, ampliando sua capacidade, simultaneamente, em compreensão e em extensão. Essa construção é possível uma vez que ele tem a prática, a ação própria; e, também, porque ele se apropria de teoria(s) suficientemente crítica(s) para dar conta das qualidades e dos limites de sua prática.

Realizando a prática reflexiva, o professor-tutor faz da sua prática também conteúdo de pesquisa. Se já estamos cansados de ouvir que não há receitas prontas para ensinar, então devemos saber que os processos de ensino e de aprendizagem são construídos. Especialmente na modalidade de Educação a Distância, na qual ainda estamos iniciando. E quem precisa construir sua metodologia é o próprio professor-tutor analisando o seu fazer. Conforme Becker (2007, p. 18):

A docência atual deve poder contar com professores que contextualizam o que ensinam por força de sua atividade investigadora; que sejam capazes de refletir sobre as múltiplas formas pelas quais os alunos assimilam os conhecimentos que ensinam.

Com isso, além de contribuir para o seu próprio trabalho e o seu contexto escolar, contribuirá também com a sociedade, pois o professor-pesquisador:

[...] transforma sua docência em atividade intelectual cuja empiria (aquilo que ele observa) é fornecida por sua atividade de ensino, pela atividade de aprendizagem, pela rebeldia de alguns alunos, pela incapacidade de aprendizagem de outros devido à falta de condições cognitivas prévias, em conteúdo ou em estrutura, de condições didáticas apropriadas, ou, ainda, de carência de condições materiais. E, finalmente, por transformar sua prática em função dessa atividade e, eventualmente, publicar suas conclusões, exercitando sua capacidade teórica ou reflexiva e beneficiando, com suas experiências, os colegas professores. Quando isso acontecer, sua reflexão prestará à escola, ao ensino, à educação, e, por consequência, à aprendizagem um inestimável serviço (idem, ibidem, p. 20).

O desenvolvimento dessas competências auxilia a formar/tornar nossos professores mais qualificados, mais críticos, mais preparados, mais curiosos, mais investigadores, mais ativos e interativos. “Por isso, o ensino é uma arte ou construção, cuja realização plena só pode ser pensada como ponto de chegada, nunca de partida” (MACEDO, 1994, p. 66). A excelência dos professores não é um ganho só de uns, mas de toda uma população.

5 REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando e MARQUES, Tania B. I. (Orgs.). **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BEHAR, Patricia A. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BONATTO, Benedito D. *et al.* **A importância da afetividade no contexto da EAD**. Disponível em: <http://200.169.53.89/download/CD%20congressos/2008/V%20ESUD/trabs/t38647.pdf>. Acesso em: Out./2009.

CARVALHO, Marie Jane; NEVADO, Rosane A.; BORDAS, Merion C. (2006b). Licenciatura em Pedagogia a Distância: Anos Iniciais do Ensino Fundamental - **Guia do Tutor**. Porto Alegre: PEAD/UFRGS.

CARVALHO, M. J. S.; NEVADO, R. A. de; MENEZES, C. S. de (Orgs.). **Aprendizagem em rede na educação a distância: estudos para a formação de professores**. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007.

COLL, C. S. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

COUTINHO, Karyne D. Deparando-se com o novo. A novidade está no retorno do que é dito. In: CARVALHO, Marie Jane; NEVADO, Rosane A.; MENEZES, Crediné (Orgs.). **Aprendizagem em rede na educação a distância: estudos e recursos para formação de professores**. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007. p. 213-220.

DALE VEDOVE, Juliana C.; CAMARGO, Rosi T. M. A influência da empatia na relação tutor-aluno. **InterSaberes - Revista Científica**. n. 7. Jan./Jun. 2009. Disponível em: <http://intersaberes.grupouninter.com.br/arquivos/3.pdf>. Acesso em: out/2009.

LÜCKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MARQUES, Tania B. I. **Do Egocentrismo à Descentração: a docência no ensino superior**. Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Educação).

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MONTANGERO, Jacques e MAURICE-NAVILLE, Danielle. **Piaget ou a inteligência em evolução**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MOULIN, Nelly; PEREIRA, Vilma; TRARBACH, Maria Aparecida. **Formação do tutor para as funções de acompanhamento e avaliação da aprendizagem à distância**. In: Anais do 11º Congresso Internacional de Educação a Distância, 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/018-TC-A2.htm>. Acesso em: set./2009.

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI**. A formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

APÊNDICE

E-mail enviado às alunas para obter autorização para o uso dos dados coletados no ambiente virtual de aprendizagem ROODA.

Prezada, _____!

Eu, Caroline Bohrer do Amaral, estou realizando o Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Tutoria (UFRGS), sob a orientação da Professora Dra. Tânia. B. I. Marques. O trabalho envolve uma coleta de dados nos registros do ambiente virtual de aprendizagem ROODA, a partir das atividades do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gostaria de saber se você, _____, consente que eu, Caroline Bohrer do Amaral, enquanto autora do trabalho, possa acessar e utilizar alguns de seus registros que constam no AVA ROODA.

Quaisquer dúvidas, você pode me contatar por este email (____ @gmail.com), ou telefonar para (51) _____ - _____.

Aguardo seu retorno para confirmação ou não deste termo de compromisso.

Obs: outras colegas suas também participam desta pesquisa.

Desde já agradeço.

Abraços, Caroline Bohrer do Amaral